

ii

FESTIVAIS INTERNACIONAIS DE TEATRO NO NORDESTE ALENTEJANO PORTALEGRE – 2001 — FESTIVAL ... SEGUNDO DECANATO!

De 1991 para cá realizaram-se já dez edições do festival Internacional de Teatro de Portalegre. Em Maio, em Novembro ou, mais frequente e ora em definitivo, na segunda quinzena de Outubro, ano após ano, têm convergido para esta cidade outros grupos de teatro, de música, de dança dos mais diversos pontos do país, para além de companhias de teatro de Espanha, França, Bélgica, Brasil, Luxemburgo e Marrocos.

Inicia-se hoje a 11ª. edição do Festival Internacional de Teatro de Portalegre. E temos como quase garantidas, já, a 12ª. e a 13ª. edições, em 2002 e 2003!

Na verdade, no que à realização do festival diz respeito, nunca estivemos tão seguros como actualmente. Se o Instituto Português das Artes do Espectáculo, do Ministério da Cultura, inexplicavelmente nos cortou os apoios em 2000 e nesta mesma edição de 2001, não é menos verdade que outras entidades mantiveram ou reforçaram as verbas anteriormente atribuídas: a Delegação Regional da Cultura do Alentejo, do mesmíssimo Ministério, ou a Câmara Municipal de Portalegre que, percebendo os riscos culturais do desaparecimento deste festival, se esforçou por contrabalançar o corte de verbas por parte do IPAE.

Não podemos deixar em claro o carinho que a Região de Turismo de S. Mamede e o Núcleo de Portalegre da Comissão de Coordenação da Região Alentejo dedicaram à realização deste festival, incluindo-o nos seus planos de actividade propostos no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio, seguros de que o turismo pode e deve, também, assegurar a continuidade de iniciativas culturais de características internacionais que, devidamente calendarizadas no tempo, permitam um outro tipo de turismo e o evoluir culturalmente de uma região económica, social e teatralmente desfavorecida. Aos respectivos presidentes, António Ceia da Silva e Jaime Estorninho, o nosso *BEMHAJAM!*

Quanto ao IPAE, os tribunais decidirão da justeza das nossas intenções.

O festival começou por ser o encontro de companhias portuguesas de diferentes regiões, estéticas e repertórios, aliada à presença de espectáculos de características experimentais, ou produções monologadas, normalmente afastadas de realizações deste género. Ao longo dos anos, porém, foram surgindo outras iniciativas, das Feiras do Livro, aos Recitais de Poesia, aos espectáculos musicais ou de dança.

Disperso pelos dois espaços cénicos disponíveis em Portalegre até à data (Cine-Teatro Crisfal e Auditório da Companhia de Teatro de Portalegre), a apresentação de espectáculos tem também, assim, sido condicionada às características daquelas salas, sobremaneira insuficientes para boa parte do teatro que hoje se faz em Portugal.

No entanto, a estratégia base norteadora deste festival tem-se mantido incólume com o passar dos anos: o festival existe

- porque existe uma companhia profissional de teatro;
- porque essa mesma companhia, ao longo dos últimos vinte e dois anos tem desenvolvido um trabalho continuado de formação e captação de novos públicos, especialmente estudantis e/ou de juventude;
- porque a companhia estreia anualmente cerca de quatro espectáculos de teatro, de repertório diversificado;

- porque tem sido política da companhia o apoio às diversas iniciativas teatrais de estudantes, nomeadamente, o apoio aos Encontros Nacionais de Teatro Escolar, anualmente, na última semana lectiva antes das férias da Páscoa;
- porque a Companhia de Teatro de Portalegre considera que o repertório que escolhe é limitativo de outras sensibilidades estéticas, e só o confronto entre estilos, épocas, repertórios e opções artísticas permite formar e captar públicos com interesses, formações e sensibilidades diversificadas.

Consideramos fundamental, nesta zona do interior onde nos encontramos sediados, para além das nossas próprias opções artísticas, como artistas livres, a honestidade de apresentar ao(s) público(s) outras opções, outras perspectivas da arte cénica, em confronto democrático, dialogal, que permita a cidadãos livres, também eles, formar de forma consciente as suas certezas, também elas, obviamente, parciais.

Decidimos suspender, nesta edição do festival, a Feira do Livro, cujo crescimento, nos últimos anos, nos levou a pensar necessitar de um espaço de maiores dimensões, não nos sendo possível sequer a utilização da Galeria Municipal da Praça da República, por estar ocupada com um projecto do Ministério da Ciência e Tecnologia. Esperamos, uma vez recuperados os espaços que nos estão afectos, no Convento de Santa Clara, nos próximos dois anos, segundo promessa autárquica, fazermos deslocar para aquele espaço a Feira, a ter lugar, futuramente, no final do mês de Novembro, distribuindo assim, também, por outros meses do ano, as diversas iniciativas culturais que sistematicamente promovemos.

Mantém-se, porém, nesta décima primeira edição do festival, parte do figurino das edições anteriores: um lugar para a Poesia, no Convento de S. Francisco, às 18 horas e, nesse mesmo espaço, também, às 19 horas, a apresentação de espectáculos de características experimentais, de dança/teatro ou de teatro estúdio. Por ali passarão espectáculos do Teatro del Norte, Sílvia Real e Paulo Camacho, Artistas Unidos, Teatro do Mar, Teatro Focus, Teatro do Morcego e, de forma a permitir a alguma crítica alfacinha o conhecimento do repertório de 2001 do Teatro de Portalegre, os espectáculos *O Marionetista de Lodz*, de Gilles Segal, recém estreado e *O Meu Caso*, de José Régio, cujo centenário do nascimento se comemora este ano. No Cine-Teatro Crisfal, às 21h 30 m, enquanto aguardamos, ansiosamente, a edificação do nóvel Centro das Artes do Espectáculo, subirão à cena textos de Sófocles, Molière ou Lope de Vega, entre outros, para além da primeira apresentação pública, nesta cidade, da Regiophonia, projecto musical de que poucos terão ouvido falar até à data.

Enfim, a continuidade na diversidade, como tem sido apanágio de todas as anteriores edições. E uma novidade: o lançamento, logo que possível, de um livro – Festivais Internacionais de Teatro no Norte Alentejano 1991/2001, edição bilingue, com edição prevista em Dezembro, pela editora Colibri, possibilitando dessa forma a sua divulgação internacional. Para além de uma análise de Maria João Brilhante, professora associada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, este livro mais não pretende ser, afinal, do que a apresentação das diversas programações das sucessivas edições deste festival, reunindo ainda, da mesma forma, alguns depoimentos que companhias e/ou participantes, solidariamente, nos fizeram chegar.

Mais de que lamentos sobre apoios ou desapoios de instituições públicas ou privadas – de que o processo jurídico contra o IPAE|M/C poderia ser eco – interessa-nos reflectir conjuntamente e divulgar o trabalho desenvolvido, nesta cidade, através do contraste de espectáculos apresentados.

Resta-nos desejar-vos, público(s), uma boa viagem, na nossa companhia!

JOSÉ MASCARENHAS